

A Construção do Conhecimento Profissional e o Ensino do Serviço Social*

Lidia Maria Monteiro Rodrigues da Silva

Introdução

O guia para apresentação de trabalhos ao XIV Seminário Latino-Americano de Trabalho Social, que abordará o tema "Perspectivas da Formação para o Exercício Profissional Hoje", sugere, no sub-tema "A Questão Epistemológica", uma reflexão que, em síntese, trate da "história de nosso pensar o Trabalho Social".

Neste sentido, o documento guia levanta um conjunto de questões que se referem tanto à constituição histórica das produções teóricas do Serviço Social (seus enfoques, dificuldades para fundar-se cientificamente, características, requisitos, metodologia de construção e comunicação desse conhecimento), como o contexto de aplicação e reprodução de nossas produções.

A amplitude do tema, assim como o seu caráter polêmico, levamos a optar por uma delimitação inicial, qual seja: a de resgatar do conjunto de discussão empreendida pelo coletivo ABESS, as questões referentes à natureza do conhecimento profissional¹.

* Trabalho apresentado no XIV Seminário Latino-Americano de Trabalho Social, Paraná, Argentina. Promoção ALAETS/CELATS.

1. A discussão fundamental que diz respeito à natureza do conhecimento no Serviço Social aponta para a existência de dois veios interpretativos: o que considera a natureza teórica dos mesmos tal como se intui das colocações do "guia para apresentação dos trabalhos do XIV Seminário" e o que considera sua natureza histórica. Ainda que a primeira posição encontre-se mais recorrentemente vinculada a um quadro de referência positivista e neo-positivista, a mesma não é estranha a um segmento que, pretendendo-se inspirado numa concepção crítico-dialética, entende ser a prática fonte de teoria (embora reconheça também o caráter histórico de todo conhecimento). A polémica no interior das tendências que se querem vinculadas à tradição marxista, encontra-se no entendimento de uns quanto à possibilidade de existência de uma "teoria do Serviço Social", uma vez que não se duvida da importância de conhecimentos teóricos para o agir profissional.

Cumprir ressaltar que o tema "A Produção do Conhecimento e o Serviço Social" foi objeto da programação desenvolvida pela ABESS durante o ano de 1991, na seqüência e em continuidade dos debates que, tendo como pano de fundo a formação profissional e a reformulação curricular, trataram do pluralismo e da metodologia no Serviço Social². O documento apresentado pela ABESS no Encontro Preparatório do Cone Sul, realizado em Montevideú, em junho de 1992, procedeu ao resgate de parte desses debates, mais especificamente no que concerne à metodologia.

Ao retornar agora alguns pontos da discussão que vem sendo realizada, move-nos a certeza de que a produção já acumulada poderia ser revista, vindo a oferecer elementos que poderão fazer avançar a reflexão sobre o próprio Serviço Social.

1. Natureza do conhecimento profissional: problemas que coloca

A análise crítica dos eixos centrais que têm orientado o debate sobre a produção do conhecimento profissional exige, preliminarmente, a tomada de posição sobre um conjunto relativamente vasto e complexo de questões, se o que se pretende é compreender e explicar como se processa a construção do saber profissional, ou seja, o conjunto de conhecimentos que orientam a intervenção dos assistentes sociais.

Se nos limitarmos ao que está posto, e que em nosso cotidiano é suficiente para manejar de forma instrumental a realidade, podemos afirmar como (Kaduschin, 1972:50), que o conhecimento profissional compreende o conjunto de fatos, teorias, habilidades e atitudes necessárias a uma prática efetiva e eficaz. Isso, em outras palavras, significa: "aquilo que o profissional precisa saber, fazer e sentir, e que pode ser transmitido, pela via do treinamento, a novos agentes profissionais".

Raciocinando neste enfoque estritamente instrumental, pode-se afirmar, também, que os conhecimentos básicos necessários ao agir profissional surgem e se consolidam a partir da própria prática profissional, com respaldo ou sustentação em teorias mais abrangentes que justificam a sua generalização. O consenso alcançado neste processo oferece aos conhecimentos obtidos por esta via legitimidade e continuidade (ainda

2. Esses debates foram publicados na série *Cadernos ABESS* n. 5 (Cortez Editora).

que possam vir a ocorrer certas mudanças, em virtude dos avanços, inevitáveis, das ciências e das técnicas).

Partindo-se do enfoque até aqui explicitado pode-se concluir pela possibilidade de se definir, *a priori*, os conhecimentos necessários à prática profissional, os quais se relacionam diretamente ao objeto e objetivos profissionais, também previamente definidos. Com certa margem de segurança e certeza, pode-se definir, ainda, os conteúdos da formação profissional e do ensino.

Se quisermos, entretanto, superar a visão instrumental sobre o saber profissional, outra linha de raciocínio se impõe. Ou seja: aquela que vem afirmar que os conhecimentos profissionais — como conhecimentos específicos que se dirigem tanto à apreensão da realidade sobre a qual atua o assistente social, como à formulação de alternativas de intervenção, não existem de forma apriorística. Ao contrário, eles são construídos no jogo dialético das forças sociais presentes em dado momento histórico e expressam não apenas o nível de desenvolvimento das forças produtivas materiais, mas, também, a correlação de forças nos planos políticos e ideológicos presentes em dada formação social.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento das atividades e do saber que informa o exercício profissional, surge como resultante histórica, e é a expressão dos enfrentamentos e das alianças que ocorrem entre diferentes segmentos e frações de classe, em determinada conjuntura. Isso gera uma "relativa indefinição", ou uma "impossibilidade relativa" de se contar com definições prontas e acabadas sobre os saberes e as práticas profissionais. Conseqüentemente, é através de aproximações sucessivas que se pode apreender o fazer e o saber profissionais em dado momento histórico, e que se vão explicitando os conteúdos de conhecimento e orientações da prática, articulados necessariamente aos aspectos estruturais, onde o profissional opera.

O suposto geral que orienta esta linha de raciocínio é o de que o conhecimento só se concretiza pela ação dos sujeitos históricos, eles próprios indivíduos, que em sua singularidade, particularidade e genericidade, se constroem como seres sociais, no processo mesmo da constituição de sua vida material. Assim, "não é a consciência do homem que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência" (Marx, 1974:28).

O conhecimento, portanto, é determinado socialmente e, como prática, constituído *na* e constituinte *da* realidade. Como pensamento político e social, reflete o enquadramento social dos homens, ou seja, a posição que ocupam no mundo da produção; é, assim, a expressão de sua localização social. As idéias e os pensamentos (sobre uma época, sobre fenômenos determinados etc.) só surgem e se desenvolvem quando estão presentes certas condições objetivas. E, por mais abstratas que seja, as idéias e pensamentos trazem sempre a marca de seu tempo. Desta forma, o ato de conhecer e o produto do conhecimento não podem ser separados.

Transpondo esses supostos para o plano profissional, pode-se dizer que o conhecimento do Serviço Social se concretiza pela ação de determinados agentes históricos que constroem para si, para outros assistentes sociais e para a sociedade em geral, representações sobre o significado de sua prática profissional³. Refletem, portanto, o pensamento socialmente condicionado que caracteriza todo conhecimento humano.

Ora, se o conhecimento profissional se faz pela mediação de sujeitos históricos, ele é também a expressão do nível de consciência possível desses agentes em um específico momento histórico. Agentes que sofrem, como diz Thompson, "a ambivalência crucial de nossa presença humana em nossa própria história, parte sujeito e parte objeto, agentes voluntários de nossas determinações involuntárias". Essas determinações são igualmente sociais e se expressam na relação com outros ramos do saber, ampliações e restrições do campo de atuação profissional em função da divisão social e técnica do trabalho, definições de prioridades das políticas econômicas e das políticas sociais, pelo particular clima cultural vigente no campo de suas relações efetivas (sejam diretamente as do mundo acadêmico, da sociedade como um todo, da classe ou segmentos de classe a que se vinculam), a composição social do corpo profissional, nível de burocratização interna dessas instituições, maior ou menor consistência e coerência dos conhecimentos já elaborados etc.

Porque é produto de condições históricas determinadas, o conhecimento profissional muda e se transforma em função de fatores tanto

3. Estas representações são em geral tomadas sem maiores reflexões, como a "Teoria do Serviço Social".

internos quanto externos à profissão. Nesse sentido, é possível perceber nessa produção tanto continuidades como rupturas, acréscimos e omissões. Pode-se também perceber alterações no terreno das estratégias e táticas profissionais.

Sendo o conhecimento profissional um conhecimento que se constrói, ele "desenvolve, expressa, traduz, codifica e decodifica um conjunto de questões que se colocam à prática profissional em determinado momento" (Baptista, 1986). Reflete igualmente a busca de uma explicação que fundamente e unifique sua atividade, assim como a luta de classes que atravessa a própria profissão (que como toda instituição é atravessada pela luta de classes). Conseqüentemente, é possível o surgimento de representações contraditórias e mesmo antagonicas no interior da profissão. Acrescente-se a isso, o fato de que as relações sociais que têm vigência em determinada formação social podem ser apreendidas de forma parcial, incompleta, invertida e fetichizada, em função da própria dinâmica que preside as relações de produção na sociedade burguesa. Desta forma, nem sempre as idéias, conceitos e doutrinas que buscam explicar a realidade revelam a essência da mesma de forma imediata, sendo a construção do conhecimento um processo que se faz através de aproximações sucessivas na busca de apreender a totalidade estruturada que constitui o real.

Neste sentido é que a crítica do conhecimento já produzido é o passo inicial para se superar as relações de antagonismo, dependência e alienação que se encontram presentes na produção do conhecimento. De igual forma, sem se dar conta dos determinantes materiais e objetivos que marcam cada conjuntura histórica, não é possível explicar a própria profissão, já que existem inúmeras mediações culturais e teóricas que conformam o Serviço Social no conjunto das relações sociais.

Considerando o próprio processo de construção do conhecimento profissional, somos levados a ressaltar a impossibilidade de uma "ortodoxia" no campo do saber profissional. Não existindo, na profissão uma autoridade superior (como tem a Igreja na figura do Papa), que diga a última palavra quanto ao que é "certo" ou "errado" — tanto no plano do saber, como no plano das práticas profissionais — o reconhecimento da legitimidade desses saberes e práticas se dá no terreno das intersubjetividades. O que é ou deixa de ser, válido no plano do saber e da prática profissional, aquilo que "objetivamente" constitui o Serviço

Social, emerge no processo de luta interna à própria profissão e nas relações que esta mantém com a sociedade mais ampla⁴.

A idéia de hegemonia, tal como concebida por Gramsci, pode ajudar-nos a apreender esta questão, na medida em que "compreende a formação de uma vontade coletiva, de um conjunto de valores que move um sujeito coletivo e se torna, através de sua ação, um fenômeno objetivo da realidade social" (Coutinho, 1991:16). De igual modo, a direção social impressa à profissão decorre da possibilidade de se construir esta hegemonia, quer no plano teórico, quer político.

Nos momentos em que se rompem os paradigmas hegemônicos (por determinações internas e/ou externas à profissão) instaura-se a incerteza frente ao que é a própria profissão. Incerteza essa que só poderá ser superada (provisoriamente) com a confirmação efetiva de um novo paradigma hegemônico.

Na medida em que compreendemos o espaço profissional como um espaço de luta teórica e de luta política, somos levados a refletir que a coexistência de diferentes tendências no interior da profissão não se caracteriza como um desvio. O rompimento do monopolismo ideológico, político e teórico, característico de momentos anteriores do Serviço Social, significa na realidade um avanço, pois que permite que as forças existentes em seu interior se manifestem e litem pela consolidação de seus pontos de vista e na construção de uma nova hegemonia.

A aceitação do pluralismo no plano do saber e da política, no entanto, não pode ser confundida com a "coexistência pacífica" entre diferentes tendências, nem continuar sendo, como tem sido muitas vezes, um pluralismo que se confunde com o liberalismo no plano político e com o eclétismo no plano teórico.

A "unidade na diversidade" que se postula no plano da prática deve ser construída a partir de objetivos comuns, que exprimam a vontade de ver realizados certos valores (ainda que expressos de forma diferenciada). Há uma ética a ser construída que exige, desde o início, que as alianças se façam em cima de certos princípios.

4. Como diz Gramsci: "objetivo significa sempre 'humanamente objetivo', o que pode corresponder exatamente a 'historicamente subjetivo', isto é, objetivo significaria 'universal-subjetivo'. (...) O conceito de 'objetivo' do materialismo metafísico, ao que parece, pretende significar uma objetividade que existe fora do homem (...)". (Gramsci, 1978:170).

No plano teórico, conforme indica Coutinho (1991:12) a questão do pluralismo é mais complexa, pois em princípio, "para cada questão, a ciência tem apenas uma resposta verdadeira" e o pluralismo pode transbordar muito facilmente, para o eclétismo ou para o relativismo. Ainda que não exista ciência que esgote o real, sua intenção é a de aproximar-se mais e mais da verdade. A conciliação de pontos de vista antagônicos é, neste plano, impossível.

Se atentarmos para o fato de que os principais paradigmas que orientam a produção do conhecimento contemporâneo nasceram em solos distintos e apontam com explicações diversas sobre o modo de ser e se constituir do ser social, assim como modos distintos de apreensão da realidade, compreendemos mais facilmente porque é impossível a conciliação entre eles. Mas esta compreensão nos leva igualmente a aceitar que o debate e a crítica radical desses diferentes paradigmas e do conhecimento construído a partir dos mesmos é fundamental para o crescimento do próprio conhecimento humano.

Neste sentido, a Universidade, quando democrática, é o espaço privilegiado do debate e da crítica onde vários projetos de sociedade e da profissão, da ciência e diferentes propostas de valor podem e devem conviver e se confrontar entre si (Coutinho, 1991:17).

A vivência desse debate é fundamental à construção do conhecimento profissional do assistente social, pois, embora haja um consenso de que a especificidade do Serviço Social se encontra em sua vocação para intervenção (não tendo surgido com o fim precipuo de "produzir conhecimentos"), nada impede que seus profissionais possam contribuir para o avanço do conhecimento sobre a realidade e se valham do conhecimento produzido por outras áreas, em sua atuação profissional.

Como bem lembra Baptista:

A especificidade que particulariza o conhecimento produzido pelo Serviço Social é a inserção de seus profissionais em práticas concretas. O assistente social se detém frente às mesmas questões que outros cientistas sociais, porém o que o diferencia é o fato de ter sempre em seu horizonte um certo tipo de intervenção: a intervenção profissional. Sua preocupação é com a incidência do saber produzido sobre a sua prática: em Serviço Social o saber crítico aponta para o saber fazer crítico (1992:84 e seguintes).

Assim, a especificidade do Serviço Social não é dada por uma teoria própria ou um método próprio, mas pela institucionalização como atividade determinada na divisão social e técnica do trabalho.

A consciência teórica que implica a apropriação de um conhecimento acumulado historicamente significa, no caso do Serviço Social, a ultrapassagem das perspectivas imediatistas da prática e sua inserção nos quadros complexos que constituem a totalidade da vida social, compreendendo a sua prática e estendendo-se no conjunto da vida social. Significa, ainda, romper com uma perspectiva conservadora do Serviço Social que vê os assistentes sociais como técnicos, "preocupados apenas com a racionalização de sua prática, com o domínio, o manejo de um aspecto específico da realidade que constitui sua preocupação imediata (...) habituado a pensar em termos de treinamento, de experimentação, de competência" (ABESS, III:74).

Como decorrência, temos que o conhecimento profissional é constituído no próprio processo através do qual o Serviço Social vai se constituindo como profissão. Aprender o Serviço Social e o papel de seus agentes, no conjunto das demais práticas sociais (que são a expressão das relações sociais em determinado momento histórico), é o ponto de partida para compreender e explicar o processo de produção do saber profissional. O quê, evidentemente, implica também em um trabalho de investigação sobre a história de nosso próprio pensar como assistentes sociais — o qual, se não se constitui em uma "teoria" própria ao Serviço Social, representa os desdobramentos, em virtude de sua particularidade, do conhecimento universalmente produzido. É esta particularidade do saber que poderá dar sustentação à definição de estratégias e táticas de intervenção. Este é o processo através do qual o Serviço Social constrói o "concreto pensado" sobre o seu fazer cotidiano, traduzindo de modo consistente e rigoroso, a sua função profissional particular.

2. Perspectivas da formação para o exercício profissional hoje

Um balanço ainda que não exaustivo sobre o quadro geral da formação profissional do assistente social no Brasil, se por um lado deixa clara a existência de inúmeros problemas, por outro lado evidencia também as possibilidades de avanço no sentido de superação dos pontos de estrangulamento.

Ainda que a conjuntura atual, onde se configura o avanço de um projeto sócio-político de cunho neoliberal e a crise por que passa a universidade brasileira, sugira um quadro de questões relativamente novas ao Serviço Social, pode-se perceber um esforço conjunto entre diferentes segmentos profissionais na busca de uma redefinição dos rumos da profissão. Assim, não apenas os setores ligados à área do ensino profissionalizante ou da pós-graduação se vêem hoje envolvidos com este debate. O 7º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), realizado em maio de 1992, é um exemplo de como a categoria como um todo vem se preocupando e debatendo esta temática.

Nesse evento, foram apresentadas teses que não só abordaram questões macroscópicas e/ou históricas sobre problemas de formação profissional, mas ainda teses voltadas às questões da prática, supervisão e estágio, expectativas e demandas da formação em áreas específicas da prática e relacionadas ao perfil do alunado.

Tal como explicitado no relatório final do grupo de trabalho, que durante o 7º CBAS abordou o tema Formação Profissional, houve concordância, genericamente, em considerar a necessidade de a formação profissional ser pluralista (causando polémica a questão da hegemonia, pois considerava-se ainda pouco clara a questão da direção social da formação profissional). Ressaltou-se a valorização e o domínio do instrumental técnico, polemizando-se sobre a relação das tendências renovadoras (nomeadamente as marxistas) com o instrumental técnico.

Houve divergências na apreciação da defasagem entre a formação crítica proposta pelo atual currículo mínimo dos cursos de Serviço Social e as condições efetivas de segmentos significativos do mercado de trabalho; a questão da transdisciplinariedade trouxe à tona, mais uma vez, o problema da especificidade profissional (que permanece em aberto). Houve também questionamentos em relação às pesquisas e investigações apresentadas, cujos referenciais teórico-metodológicos nem sempre foram explicitados.

A partir dos debates emergiram algumas proposições que dizem respeito a:

- exigência de clareza quanto à direção social da formação profissional;
- explicitação do sentido do "pluralismo";

- contextualização da crise da universidade no contexto da crise brasileira;
 - conjugação de esforços dos vários segmentos profissionais que, centrados nas agências de formação (universidades, escolas, faculdades) envolvam os segmentos organizados da categoria, para equacionamento dos dilemas da formação profissional;
 - formação profissional parametrada em sólida preparação teórico-metodológica e que conte com instrumental técnico-operativo, que qualifique e habilite o assistente social para intervenção (que é dimensão constituinte do Serviço Social);
 - recusa ao feiche do tecnicismo;
 - formação profissional que contemple as demandas do mercado de trabalho, sem limitar-se às mesmas, visando inovação e transformação da prática profissional;
 - identificação do perfil do estudante;
 - necessidade de o estudante assumir seu protagonismo no processo de formação profissional;
 - as práticas de estágio como absolutamente imprescindíveis, devendo ser pensadas como "momento privilegiado de síntese do processo ensino-aprendizagem";
 - necessidade de cursos de pós-graduação (*stricto e lato sensu*), de reciclagem, atualização e especialização que atendam à diferenciação no interior do mercado de trabalho e que sejam acessíveis aos assistentes sociais em atividade.
- Frete aos problemas e proposições levantados durante o 7º CBAS, as pesquisas e debates que têm como objetivo principal a reflexão e crítica do estágio de desenvolvimento da formação profissional dos assistentes sociais e os estudos que se voltam para a avaliação dos processos e produtos do conhecimento profissional⁵, pode-se perceber que existem certas tarefas que devem ser urgentemente cumpridas para

5. Chamo a atenção para o conjunto de publicações ABESS/CEDEPSS, assim como para os anais de seminários, convenções e congressos, dissertações de mestrado e doutorado e artigos em revistas de Serviço Social que têm tratado deste assunto, alguns deles citados na bibliografia do presente trabalho.

se dar uma resposta coerente e competente às demandas hoje postas à formação para o Serviço Social.

Há também que se reconhecer que muitos dos problemas colocados exigem, para sua superação, a adoção de certas estratégias, elas próprias dependentes de determinações estruturais e/ou conjunturais de difícil equacionamento. Em que pesem estas dificuldades, parece haver certo consenso quanto à necessidade de, no âmbito do ensino, dar atenção aos seguintes aspectos:

- resgate dos fundamentos das grandes matrizes do conhecimento contemporâneo, compreendendo-as e explicando o seu significado no interior da profissão;
- apropriação de categorias teórico-metodológicas particularizando-as no contexto da profissão;
- combate ao ecletismo e ao praticismo, ao voluntarismo, ao normativismo e idealismo que tendem a fundar o ensino e a prática profissionais;
- tentativa de proceder à síntese de perspectivas teóricas não excludentes entre si;
- ultrapassagem da apropriação parcial, equivocada e desviante, bem como dos modismos intelectuais, no sentido de construir um conhecimento profissional que ao mesmo tempo explique a realidade e a profissão, indicando o caminho da intervenção;
- superar a compreensão de que o Serviço Social é uma prática subordinada aos determinantes culturais, institucionais, políticos e sociais, atribuindo à profissão um caráter prático-científico (o que exige necessariamente, o movimento teoria-prática, e pressupõe uma racionalidade que se expressa na unidade sujeito-objeto);
- superação da perspectiva dualista que informa o conhecer e o agir profissional, bem como superação da visão de que a investigação em Serviço Social se identifica com a "sistemização da prática".

Conclusão

Não sendo intenção do presente trabalho esgotar um tema por si mesmo complexo e polêmico, pode-se concluir pelas breves indicações apresentadas, que as contradições existentes no ensino e formação

profissionais fazem parte de uma história na qual a própria construção do conhecimento profissional se processa. Mais que nos determos em contemplar esse processo é preciso inserirmo-nos crítica e praticamente ao mesmo.

As urgentes e profundas transformações que devem orientar a formação profissional do assistente social neste final do século XX, porém, não poderão se realizar apenas através de um ato de vontade dos agentes envolvidos nesse processo: elas se darão fundamentalmente quando, estando presente a vontade política, formos capazes de realizar ações conseqüentes. Isto implica desde logo, em tomar posição neste debate e implica, igualmente, em abandonar a ilusão de que o Serviço Social existe pronto e acabado, passível de ser transmitido mecanicamente às novas gerações, ou de tentar explicar o Serviço Social a partir de si mesmo.

Só poderemos construir um "saber crítico" se, como aponta Lammoto, "aceitando o desafio de partir das grandes leis e tendências da sociedade burguesa, formos capazes de decifrar as particularidades históricas do momento atual e, aí, a particularidade/especificidade do Serviço Social".

Bibliografia

- BAPTISTA, Myrian Veias. A produção do conhecimento social contemporâneo e sua ênfase no Serviço Social. In: *Cadernos ABESS*. São Paulo, Cortez Editora, n. 4, 1991.
- BATTINI, Odária. *O estado das artes no Serviço Social: estudo sobre a construção do conhecimento na prática profissional do assistente social*. Tese de doutorado. PUC-SP, 1991.
- CADERNOS ABESS. São Paulo, Cortez Editora, n. 1, 1986.
- CADERNOS ABESS. São Paulo, Cortez Editora, n. 2, 1988.
- CADERNOS ABESS. São Paulo, Cortez Editora, n. 3, 1989.
- CADERNOS ABESS. São Paulo, Cortez Editora, n. 4, 1991.
- CADERNOS ABESS. São Paulo, Cortez Editora, n. 5, 1992.
- COSTA, Suelly Gomes. Formação profissional e currículo de Serviço Social: referências para o debate. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo, Cortez Editora, n. 32, ano XI, maio 1990.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas. In: *Cadernos ABESS*. São Paulo, Cortez Editora, n. 4, 1991.
- FÓRUM NACIONAL DE PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. *Questões e Perspectivas*. ABESS/CEDEPSS, Vitória, 1992.

- KADUSCHIN, Alfred. A base do conhecimento do Serviço Social. In: KAHN, A. J. *O Serviço Social no Mundo Moderno*. Rio de Janeiro, Agir, 1972.
- MARX, Karl. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Lisboa, Estampa, 1974.
- NETTO, José Paulo. *Autocracia burguesa e Serviço Social*. Tese de doutorado. PUC-SP, 1990.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo, Cortez Editora, n. 14, ano V, abril 1984.
- SILVA, Lídia M. M. R. *A aproximação do Serviço Social à tradição marxista: caminhos e descaminhos*. Tese de doutorado. PUC-SP, 1991.
- _____. *Metodologia no Serviço Social: referências para o debate*. Trabalho apresentado no Seminário Preparatório do Cone Sul. Montevideu, ALAETS/CELATS, 1992.